

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

YANE DE SOUZA PRESTES

A Contação de Histórias além do livro

**Porto Alegre
2018**

YANE DE SOUZA PRESTES

A Contação de histórias além do livro

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):
Profa. Dra. Rosângela Silveira Garcia**

**Porto Alegre
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro Chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. Leandro Krug Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, especialmente ao meu esposo e meu filho.
Aos meus alunos que são inspiração diária para seguir em frente na busca pelo
conhecimento.

RESUMO

O presente estudo se propõe a investigar o uso do áudio na Contação de Histórias nos anos iniciais do Ensino Fundamental; assim como, estimular o desenvolvimento do imaginário infantil, estimulando o gosto pela leitura e despertando o senso crítico. A questão norteadora desta investigação se baseia na seguinte proposição: O uso do áudio pode contribuir para o estímulo do interesse por ouvir histórias, fortalecendo o imaginário infantil e a formação de um aluno leitor? A metodologia organiza-se a partir de uma abordagem qualitativa com base em um estudo de caso, e os dados analisados derivaram dos desenhos produzidos por duas turmas de primeiro e segundo ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Serafim Ávila. Como base teórica foram usados autores como Abramovich (1989), Marcuschi (1997), Derdyk (1994), Lowenfeld (1970) e Vygotsky (2009) para os conceitos de Contação de Histórias, Imaginário Infantil, Oralidade e Fases e simbologia do Desenho Infantil. A análise dos dados evidenciou que a Contação de Histórias com uso da tecnologia desperta maior interesse, sendo aliadas no processo de construção da imaginação, criticidade e criatividade entre as crianças.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Imaginário Infantil. Histórias em áudio

ABSTRACT

The present study proposes to investigate the use of audio in Storytelling in the initial years of Elementary School; as well as stimulating the development of the children's imagination, stimulating the taste for reading and awakening the critical sense. The guiding question of this investigation is based on the following proposition: Can the use of audio contribute to the stimulation of interest in listening to stories, strengthening the children's imagination and the formation of a student reader? The methodology is based on a qualitative approach based on a case study, and the data analyzed derive from the designs produced by two first and second year classes at the Municipal School of Elementary Education Serafim Ávila. As a theoretical basis, authors such as Abramovich (1989), Marcuschi (1997), Derdyk (1994), Lowenfeld (1970) and Vygotsky (2009) were used for the concepts of Storytelling, Imaginary Children, Orality and Phases and symbology of Children's Drawing . The analysis of the data showed that the Storytelling with the use of technology arouses greater interest, being allied in the process of imagination building, criticality and creativity among children.

Keywords: Storytelling. Children's Imaginary. Audio stories

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Capa do livro Chá das dez	21
Figura 2- Capa do Livro Eles que não se amavam	22
Figura 3- Desenho livro Chá das dez.....	24
Figura 4- Desenho livro Chá das dez	24
Figura 5- Desenho livro Chá das dez.....	25
Figura 6 - Desenho livro Chá das dez.....	25
Figura 7- Desenho livro Chá das dez.....	26
Figura 8 – Desenho livro Chá das dez.....	26
Figura 9- Desenho livro Chá das dez.....	27
Figura 10- Desenho livro Eles que não se amavam.....	28
Figura 11- Desenho livro Eles que não se amavam.....	28
Figura 12- Desenho livro Eles que não se amavam.....	29
Figura 13- Desenho livro Eles que não se amavam.....	29
Figura 14- Desenho livro Eles que não se amavam	30
Figura 15- Desenho livro Eles que não se amavam.....	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Etapa da Metodologia.....	20
Quadro 2 – Síntese dos Dados Obtidos	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 A Pesquisa e sua intencionalidade.....	11
1.2 Objetivos.....	12
1.2.1 Objetivos Específicos.....	12
2 DISCUSSÃO CONCEITUAL	13
3 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	18
3.1 Metodologia da pesquisa.....	18
3.2 Contexto da Pesquisa	18
4 PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXO 1.....	38
ANEXO 2.....	41
ANEXO 3.....	48

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um período em que a mídia e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças e não podemos mais fechar a porta da sala de aula para elas. Diante das mudanças da maneira de ensinar e de como se pode aprender, vemos que o uso das novas tecnologias em sala de aula é possível e necessário.

O uso das tecnologias no ensino possibilita o acesso a novas descobertas, abrindo um leque maior na prática pedagógica e auxiliando na busca pela qualidade da educação. Os recursos tecnológicos possibilitam tornar o ambiente escolar mais atrativo e diversificado, pois contém mecanismos que contribuem para prender a atenção dos alunos e dar mais significado aos conteúdos trabalhados.

Atualmente estamos na era da sociedade da informação e isso trouxe consigo mudanças sociais e mudanças na forma de conceber o conhecimento, pois o uso da internet, as informações são instantâneas e essa é uma das preocupações do seu uso em sala de aula, principalmente sobre a questão da distração que esses recursos podem proporcionar. Assim a discussão do bom uso nas tecnologias na sala de aula vem de mãos dadas com esse receio e com professores resistentes a essa mudança na forma de aprender. Com tudo uma coisa é certa: as aulas precisam ser reformuladas e os professores precisam repensar sua relação com essas tecnologias.

Para Almeida (2000),

É preciso criar situações de formação contextualizadas, nas quais os educadores possam utilizar tecnologias em atividades que lhes permitam interagir para resolver problemas significativos para sua vida e trabalho, representar pensamentos e sentimentos, interpretar representações e reconstruí-las para poder contextualizar as situações em práticas pedagógicas. (ALMEIDA, 2000, p.160).

Nós professores como formadores de ideias, reflexões e mediadores da construção do aprendizado, vemos cada vez mais a necessidade de desenvolver propostas de trabalho mais atrativas e usar os recursos tecnológicos é uma das formas de alcançar essa nossa geração que está dentro da sala de aula. Essas novas ferramentas de interação nos dão a possibilidade de despertar a criatividade e novas formas de pensar do aluno.

A leitura é dos processos que envolve a criatividade e a produção de sentido, pois está ligada diretamente ao gostar e ler ou de ouvir histórias. É uma atividade que

acompanha a humanidade desde muito tempo atrás, se tornando uma maneira muito significativa de expressar experiências e acontecimentos. Desde nossos antepassados até hoje, a necessidade de explicar os sentidos da vida, buscar explicações para nossas dúvidas, transmitir valores e conhecimentos de maneira lúdica, é o que tem mantido vivo o ato de contar histórias. O que houve foi uma mudança de como a contação de histórias acontece, pois ainda nos dias atuais é uma prática comum na vida das pessoas.

Atualmente busca-se conscientizar pais, professores e alunos para a máxima relevância da leitura, enfatizando seu início ainda na Educação Infantil para que o gosto pela leitura seja despertado desde muito cedo.

Utilizar a contação de histórias na sala de aula proporciona ao aluno um poder de imaginar e criar e ao professor a possibilidade de uma aula mais produtiva e com aprendizagens mais significativas, pois abre caminhos novos e novos conhecimentos. Além disso, a contação de histórias amplia o contato com o livro, expandindo o universo cultural e o hábito da leitura. Ao se contar uma história abrem-se caminhos novos, desperta-se a imaginação e as emoções dos personagens e dos ouvintes se misturam.

1.1 A Pesquisa e sua intencionalidade

Diante da necessidade atual da inserção das mídias no cotidiano escolar e pela busca de diversificar e tornar a contação de histórias mais atraente para os alunos, buscamos, durante o desenvolvimento dessa pesquisa resposta ao seguinte questionamento:

O uso do áudio pode contribuir para o estímulo do interesse por ouvir histórias, fortalecendo o imaginário infantil e na formação de um aluno leitor?

Diante desse contexto essa pesquisa traz como meta analisar a aplicação de uma estratégia pedagógica diferenciada no desenvolvimento da Hora do Conto, também

conhecida como Contação de Histórias, com objetivo de mostrar que o uso das histórias narradas em áudio pode oportunizar momentos em que a criança possa ampliar as possibilidades de comunicação, imaginação, estimulando o gosto pela leitura e despertando o senso crítico.

1.2 Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo geral, investigar os efeitos de histórias narradas em áudio no desenvolvimento do gosto e hábito pela leitura, da imaginação e nas práticas comunicativas de alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

1.2.1 Objetivos Específicos

- Estimular o interesse pelo hábito de ouvir histórias;
- Investigar as práticas comunicativas que emergem durante a contação de histórias;
- Identificar o desenvolvimento da imaginação nas práticas de leitura nos anos iniciais do ensino fundamental;
- Observar os efeitos das narrativas em áudio na formação do aluno leitor.

Os capítulos desta monografia estão organizados da seguinte forma: Introdução apresenta a justificativa de pesquisa, a pergunta de pesquisa e os objetivos. O capítulo 2 apresenta uma discussão sobre os principais conceitos: Contação de Histórias, Imaginário Infantil, Oralidade e o Desenho e sua Representatividade. O capítulo 3 apresenta a metodologia e contexto da pesquisa. O capítulo 4 apresenta as etapas do Desenvolvimento e Análise dos dados. E o quinto capítulo, denominado Considerações Finais, apresenta um breve resumo dos resultados obtidos e aspectos observados durante a pesquisa.

2 DISCUSSÃO CONCEITUAL

Contar histórias é uma das formas de aproximar a criança do mundo dos livros e deve começar cedo, sendo uma prática que precisa ser desenvolvida cotidianamente, pois quando a criança ouve histórias tem a tendência a copiar os comportamentos de quem lê e aos poucos vai se apropriando de uma postura de leitor.

Ouvir histórias transmite valores e conhecimentos, oportunizando que a criança desenvolva sua imaginação, fazendo uma ponte entre o imaginário e o real, construindo assim significados para suas interações no dia a dia. É importante lembrar também que em muitas realidades de vidas das crianças a escola pode ser o único espaço onde elas terão contato com o mundo da contação de histórias, e se essa for realizada no contexto escolar de maneira planejada, proporciona as crianças essas reflexões sobre a realidade e comportamentos leitores que ajudam na formação do gosto pelos livros, como afirma Abramovich (1989)

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é início da aprendizagem para um ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1989, p.16).

O contato com as histórias atua sobre a criança ajudando a formar sua personalidade, dando importante suporte para o convívio social, indo muito além de apenas ouvir uma história, mas também de refletir e interpretar o que ouviu. Assim como destaca Sisto (2005):

Ao ouvir histórias as crianças (e o leitor em geral) vivenciam, no plano psicológico, as ações, os problemas, os conflitos dessa história. Essa vivência, por empréstimo, a experimentação de modelos de ações e soluções apresentadas nas histórias fazem aumentar consideravelmente o repertório de conhecimento da criança, sobre si e sobre o mundo (SISTO, 2005,p.144).

Quando a criança ouve histórias viaja pelo mundo da imaginação, amplia seu vocabulário, tanto na linguagem oral, quanto na escrita, ampliando seu conhecimento de mundo, passando a viver seus personagens, descobrindo sentimentos e comportamentos novos em relação ao que vive na vida real e assim buscando novas soluções para a vida. Como completa Coelho (2002,p.12) “o combustível da imaginação, favorecem a aceitação de problemas de maneira mais positiva, resolvendo conflitos. Podendo ser trabalhadas em qualquer idade da vida.”

Buscando promover este encantamento e fascínio das crianças pela contação de histórias, que segundo Ceale (2006) define a contação de história como muito diferente de apenas ler um texto, onde a estrutura linguística é respeitada e não modificada, na contação de histórias o contador recria partes do texto, modificando-o de acordo com o contato com o público, emocionando e surpreendendo quem escuta pela forma como é contada e assim contribuindo para a construção do gosto pela leitura.

Compreendemos que a infância se dá no período vivido pela criança até 10 anos de idade e que cada indivíduo carrega em sua vivencia questões culturais e sociais. É nesta idade que se manifesta com mais facilidade os processos de criação e imaginação. Estamos falando de um período em que o cérebro está fazendo inúmeras conexões e precisa mais do que nunca de estímulos do meio para continuar a pensar, criar imagens e acrescentar experiências ao seu cotidiano, que vão sendo armazenadas em sua memória e que se transformam em aprendizagem e desenvolvimento.

As imagens que ilustram as histórias que as crianças leem, ou que são mostradas para durante uma contação de histórias, assim como as experiências vividas pelos personagens dessas histórias são ativadas na mente infantil durante as brincadeiras fantasiosas, momento em que as crianças estão livres para criar e assim podemos saber o quanto cada fato repercutiu no seu interior. Como afirma Vygotsky (2009),

notamos facilmente que os processos de criação manifestam-se com toda sua força já na tenra infância. Uma das questões mais importantes da psicologia e da pedagogia infantil é o da criação na infância, do desenvolvimento e do significado do trabalho de criação para o desenvolvimento geral e amadurecimento da infância. Já na primeira infância, identificamos nas crianças processo de criação [...] (VYGOTSKY, 2009,p.16).

A imaginação é formada por elementos já existentes na realidade da criança, mesmo aqueles seres totalmente fantásticos criados por elas, na verdade tem elementos existentes no mundo real. Assim tudo que a criança vivencia serve de base para suas criações. Segundo Vygotsky (2009) a criação pode vir da imaginação de terceiros, seja ouvindo de relatos, histórias contadas ou conversas, quando somos submetidos à experiências vividas pelo outro.

Desta forma a contação de histórias está diretamente ligada ao imaginário infantil. Mello (2009) define como sendo a imaginação que se compõe por imagens mentais de tudo que a mente representa sobre objetos ausentes, ou seja, a capacidade que todos temos de inventar, de criar. Assim como o gosto pela leitura, ampliação de

vocabulário, desenvolvendo a formação da personalidade e valores da criança. A imaginação permite criar um entendimento de colocar a vida real dentro das histórias ficcionais, abrangendo emoções, contribuindo para a tolerância e o senso de justiça, respeitando as especificidades e a intenção que cada história possui. Como destaca Abramovich (1998):

[...] chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. (ABRAMOVICH, 1998, p.37).

Ouvir histórias, para a partir daí, incentivar o hábito pela leitura, desenvolvendo a imaginação e os sentimentos, é muito importante na infância, pois as histórias infantis levam a um mundo imaginário, onde as crianças sentem medo e alegrias e fazem relações importantes com o mundo real. Dessa forma a contação de histórias na sala de aula abre caminhos infinitos, inúmeras descobertas e estimula à formação de alunos leitores.

Desde muito cedo a criança utiliza a linguagem oral na comunicação, mesmo ainda sem adquirir fluência, a criança consegue expressar seus desejos aos que vivem ao seu redor. Essa relação de comunicação vai se aperfeiçoando por meio da troca de experiência e relações interpessoais com a família e depois com a escola. Como reforça o Referencial Nacional de Educação Infantil (RCNEI,1998):

é na interação social que as crianças são inseridas na linguagem, partilhando significados e sendo significadas pelo outro. Cada língua carrega, em sua estrutura, um jeito próprio de ver e compreender o mundo, o qual se relaciona a características de culturas e grupos sociais singulares. Ao aprender a língua materna, a criança toma contato com esses conteúdos e concepções, construindo um sentido de pertinência social (RCNEI, 1998, p.24).

A linguagem oral tem função muito importante na vida das pessoas. É uma habilidade construída em contato com o outro, na convivência social, conforme define Marcuschi (1997, p.126), “A oralidade seria uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais informal ao mais formal e nos mais variados contextos de uso.”

As muitas situações do cotidiano nas quais as crianças interagem com os adultos a sua volta faz com que ela conheça e se aproprie dos diferentes discursos e dos diversos contextos nos quais a linguagem oral está inserida, mostrando assim, que o

desenvolvimento da fala se dá na prática, no diálogo. Porém, não basta deixar apenas que a criança fale, é importante que as atividades sejam contextualizadas e proporcionem uma reflexão sobre o uso da linguagem oral. As atividades de expressão da linguagem devem ir desde situações mais informais, onde já estão mais habituados, até situações de fala mais formais, conhecendo maneira de como utilizá-las.

A contação de histórias é uma atividade importante no sentido do desenvolvimento da oralidade, estimulando a curiosidade das crianças, deixando que elas próprias criem suas histórias e interaja oralmente, criando o hábito pela leitura, assim como ajuda na comunicação de forma geral, desenvolvendo a criatividade, a imaginação e o aprendizado de novos vocabulários.

Enquanto ainda não se utiliza da linguagem verbal, a criança se faz ser entendida através da produção gráfica. Quando falamos em desenho, pensamos imediatamente em imaginação, criatividade, ludicidade e principalmente modo de comunicação. Essa interação com o meio vem de muito tempo atrás, onde o homem pré-histórico já se comunicava através de pinturas nas cavernas. Para Derdyk (1994):

o desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra(DERDYK, 1994, p.10).

O desenho estimula a criança para a aprendizagem, passando por um processo de evolução, onde a criança adquire maior amadurecimento nas suas ações. Segundo Lowenfeld (1970), o desenho apresenta quatro fases de evolução.

A primeira fase é a das garatujas, que varia entre dois e quatro anos e se divide em três etapas. A primeira é a garatuja desordenada, onde a criança rabisca a folha em desordem de direção. A segunda é a garatuja ordenada, onde já aparece um certo controle em movimentar o lápis, havendo certa noção de dentro e fora do espaço da folha. A terceira etapa das garatujas, chama-se nomeada, quando a criança nomeia seus desenhos, mesmo sem ainda não dominar todas as formas para representá-lo.

A segunda fase do desenho é a pré-esquemática, entre quatro e sete anos. As representações são circulares e longitudinais, com desenhos de figuras humanas, onde a criança se reconhece como ela própria.

A terceira, esquemática, dos sete aos nove anos, onde a representação vai além dela mesma, passando a representar os objetos que a cercam. Também desenha figuras humanas mais complexas e organizadas: cabeça, corpo e membros, todos no seu lugar. A quarta fase do desenho é a do realismo, entre nove e doze anos. É a fase da descoberta real, se detendo mais aos detalhes, sem o exagero do mundo do faz-de-conta.

O desenho não é só uma forma de linguagem, de representação que a criança necessita quando ainda não se utiliza da linguagem verbal ou escrita, mas acima de tudo o desenho é uma forma de divertimento. Derdyk (1994, p.50), enfatiza que: “A criança desenha, entre outras coisas, para divertir-se. É um jogo onde não existem companheiros, a criança é dona de suas próprias regras”. Através do desenho a criança expressa seus sentimentos a respeito das coisas, associa ideias e assim como qualquer outra atividade de sala de aula fundamental para seu desenvolvimento, precisa ser estimulada de maneira criativa, para que contribua de forma positiva no crescimento físico e emocional da criança.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

3.1 Metodologia da pesquisa

O trabalho estrutura-se a partir de uma pesquisa qualitativa, pois de acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p.32) “métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, demonstrando o que convém ser feito, sem quantificar valores, nem se submeter à provas de fatos, pois os dados se valem de diferentes abordagem. Se caracteriza pode ser um estudo de caso que conforme Oliveira (2006) é um método qualitativo que consiste em aprofundar uma unidade individual, respondendo questionamentos através de coleta e análise de dados. As informações serão analisadas partindo do trabalho de Contação de Histórias em áudio e atividades de desenhos sobre as histórias ouvidas.

3.2 Contexto da Pesquisa

O estudo do caso foi aplicado em uma escola do município de Triunfo, chamada Escola Municipal de Ensino Fundamental Serafim Ávila. Fundada em 02 de maio de 1974, junto à comunidade do Barreto, em 1978 foi transferida para beira da estrada entre o bairro Cruz das Almas e o bairro da Ponte Seca. Em 1986, a Escola recebeu o novo prédio, onde funciona até hoje, junto à comunidade da Vila da Creche. Por zoneamento abrange a demanda de outros bairros próximos, contanto atualmente com 59 profissionais e 308 alunos.

A escola atende uma clientela bastante carente, não só financeiramente, mas também afetivamente, pois a estrutura familiar dessas crianças reflete uma vida cheia de dificuldades e nos últimos anos, marcada pelo crescimento da violência urbana e pelo tráfico de drogas.

Desta forma, os problemas e números baixos de média anual que perduraram na escola por muitos anos, desde 2016 estão sendo conduzidos através de um Projeto Norteador “Serafim é Amor”. Como descrito no Plano de Ação Pedagógico (2018) este projeto busca abrir as portas da escola para a participação das famílias, valorizando e buscando o apoio da comunidade. O alicerce do projeto é a afetividade, que se destaca nas atividades desenvolvidas pelos professore da escola e visa desenvolver

aprendizagens com mais significado para o aluno e melhorar questões como leitura, escrita e produção textual. O que mobilizou o grupo na realização de um projeto de Leitura, onde com recursos próprios da escola foram disponibilizados aos alunos vários espaços literários, possibilitando aos mesmos, maior contato com os livros e diversas práticas metodológicas enfatizando o ato de ler, entender, escrever e interpretar.

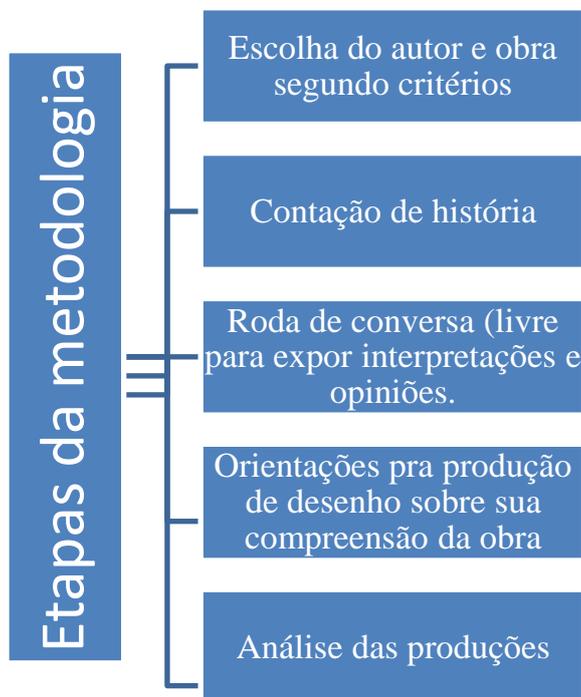
Outro aspecto relevante que dificulta na melhoria da busca por atividades mais significativas e que desenvolvam a capacidade de ir além da sala de aula, é o fato da Escola não ter Laboratório de Informática. O acesso à rede fica restrito aos dois computadores que a escola possui para uso da secretaria. O Laboratório de Informática é uma reivindicação antiga, pois a inclusão digital dos alunos possibilitaria ampliar novos horizontes, dando ferramentas de acesso as novas tecnologias, proporcionando maior acesso a busca das informações e melhor qualificação profissional.

As práticas foram desenvolvidas nas turmas de primeiro e segundo anos, totalizando 34 alunos envolvidos. O grupo é dinâmico, falante, participativo e muito interessado nas atividades propostas. A turma do primeiro ano é composta por 16 alunos no turno da manhã. A turma do segundo ano com 18 alunos que frequentam a escola no turno da tarde.

Em cada uma das turmas foi utilizado histórias gravadas em áudio do escritor Celso Sisto, que é um autor contemporâneo, especialista em literatura infantil e juvenil e contador de histórias do Grupo Morandubetá (RJ). Os dados obtidos na pesquisa foram analisados seguindo os seguintes critérios: representação fiel das histórias narradas em áudio e representação das histórias com interferência de elementos do imaginário infantil.

A metodologia se organizou em 5 etapas (quadro 1) de desenvolvimento: a primeira foi a escolha do autor e obras, a segunda foi a contação das histórias narradas em áudio, a terceira foi a roda de conversa sobre a histórias, a quarta a produção dos desenhos pelos alunos e a quinta etapa foi a análise das produções.

Quadro 1: Metodologia



Fonte: a autora (2018)

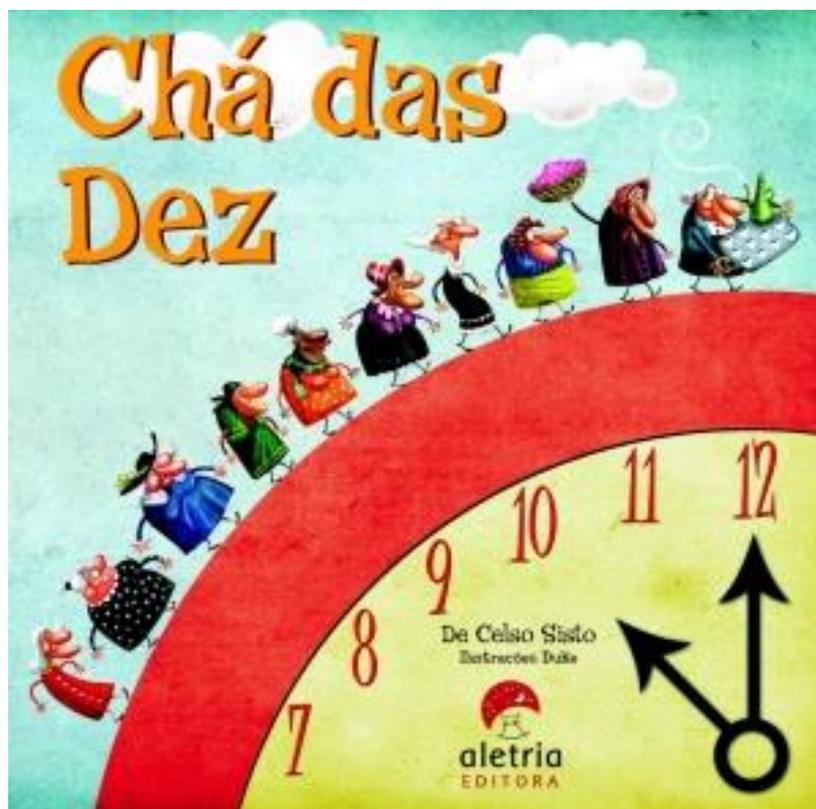
As obras escolhidas foram selecionadas de acordo com interesse de cada turma, uma obra para o primeiro ano e outra para o segundo ano. No caso da turma de primeiro ano o livro escolhido traz uma dinâmica rimada e com sequência numérica, que vem de acordo com o conteúdo que estão vivenciando na sala de aula. A escolha do livro da turma do segundo ano se deu por tratar de um tema que está sendo trabalhado em sala de aula, a intolerância, a violência.

HISTÓRIA 1 - PRIMEIRO ANO: **Chá das Dez**, do autor Celso Sisto (Anexo1). Contada através de áudio na caixa de som.

O livro conta a história de Dez velhinhas, bem arrumadinhas que saíram juntas para um chá. Mas até chegar ao destino final, estas velhinhas passaram por várias situações. Escolhida por ser uma história que através de rimas ensina e diverte. O livro faz parte do gênero textual Tangolomango que Krika (2012) define como sendo uma brincadeira folclórica que geralmente começa com dez elementos, que vão diminuindo a

cada estrofe. Termina quando acontece alguma coisa com o último elemento até que não sobra nenhum.

Figura 1: Capa do livro Chá das Dez



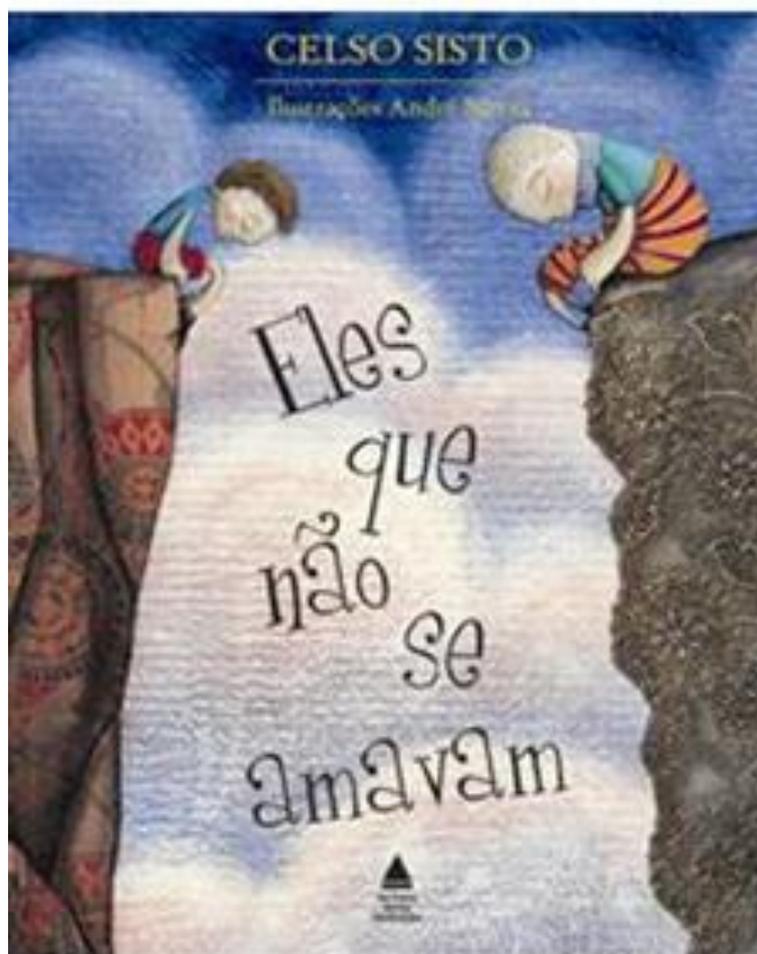
Fonte: <http://www.celsosisto.com/?pid=84&ct=0>

HISTÓRIA 2 – SEGUNDO ANO: **Eles que não se amavam**, de Celso Sisto (Anexo 2).
Contada através de áudio na caixa de som.

O livro conta a história de Alberto e Bernardo que Sisto (homepage) descreve como dois meninos que se detestavam. Entre eles havia um verdadeiro abismo. Além disso, os familiares dos meninos também não se gostavam, era uma situação passada de geração para geração e assim, eles aprenderam a não gostar um do outro.

Foi uma obra escolhida por representar o mundo real, que pode começar na sala de aula pela agressão verbal e chegar a agressão física. A história serviu como base para a investigar com os alunos percebem e reagem a essas agressões e se houve identificação com a realidade em que vivem.

Figura 2: Capa do Livro Eles que não se amavam



Fonte: <http://www.celsosisto.com/?pid=84&ct=0>>

4 PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O trabalho realizado com os alunos tem como objetivos ouvir as histórias narradas em áudio, sensibilizar para a importância de saber ouvir com atenção a história narrada em áudio, bem como provocar a curiosidade, imaginação, fantasia, o favorecimento da livre expressão de ideias e a reflexão crítica sobre os acontecimentos das histórias.

Após a contação da história em áudio, aconteceu uma conversa onde as crianças fizeram diferentes interpretações, expressaram suas opiniões acerca do que ouviram, contribuindo para a autonomia do pensamento crítico. A seguir os alunos tiveram a tarefa de dar forma, colocar vida ao que ouviram, sendo incentivados a representar os personagens, cenas, acontecimentos através de desenho, ajudando no desenvolvimento cognitivo e motor, abrindo portas para a imaginação.

Na etapa de análise foi observado de que maneira as crianças representaram as histórias que ouviram narradas em áudio, pois estão acostumadas a terem o recurso visual das imagens ilustrativas do livro impresso nas contações tradicionais. Os critérios observados foram se houve interferência das experiências pessoais vividas pelas crianças, o imaginário, o mundo das emoções, bem como se representaram fielmente o que foi narrado nas histórias ouvidas em áudio ou se não conseguiram lembrar toda a história.

História 1: Chá das Dez

Neste grupo de desenhos a história foi trabalhada com crianças de 6 anos, que segundo as fases do desenho apresentadas por Lowenfeld (1970) é fase pré-esquemática, onde a criança representa em seus desenhos paisagens, casinhas, flores e animais. O uso das cores já começa a variar, buscando um certo realismo. As figuras humanas começam a dispor de novos detalhes, como cabelos, mãos e pés e a disposição dos desenhos no papel obedecem uma certa lógica, como o céu no alto da folha. Nos desenhos abaixo as crianças trouxeram elementos imaginários e foram muito além da representação da história ouvida em áudio, que favoreceu a ampliação significativa da capacidade de concentração, imaginação e criatividade das crianças.

Figura 3 – Desenho livro Chá das Dez



Fonte: Aluno do segundo ano (6 anos)

Figura 3: elementos clássicos da fase pré-esquemática: casinha, árvore e animais e a representação da última velhinha com um casal de coelhos para tomar chá com ela, elemento totalmente criado a partir do imaginário da criança.

Figura 4 – Desenho livro Chá das Dez



Fonte: Aluno do segundo ano (6 anos)

Figura 4: representação dos elementos da fase pré- esquemática: casa e o céu no alto da folha. A representação de uma das personagens passando mal e sendo socorrida na ambulância.

Figura 5 – Desenho livro Chá das Dez



Fonte: Aluno do segundo ano (6 anos)

Figura 5: a velinha com o pé quebrado tomando chá com a amiga e seus animais de estimação em uma gaiola, representação do imaginário da criança e elementos como a árvore com frutas que descreve a fase pré-esquemática.

Figura 6 – Desenho livro Chá das Dez



Fonte: Aluno do segundo ano (6 anos)

Figura 6: a representação de uma das personagens que não pode estar no chá com as amigas, pois foi assistir ao seu esporte favorito. A representação da fase pré-esquemática nos céu no alto da folha e o desenho de veículo.

No segundo grupo de desenhos as crianças representaram bem menos elementos da imaginação e foram mais fiéis a história narrada em áudio. As personagens aparecem realizando o que de fato foram fazer: tomar o chá. Os elementos que destacam a fase pré-esquemática do desenho também estão presentes neste grupo, a árvores e o céu na parte superior da folha.

Figura 7 – Desenho livro Chá das Dez



Fonte: Aluno do segundo ano (6 anos)

Figura 7: duas personagens da história sentadas a mesa para o chá.

Figura 8 – Desenho livro Chá das Dez



Fonte: Aluno do segundo ano (6 anos)

Figura 8: a representação de duas personagens sentadas a mesa para o chá.

Figura 9 – Desenho livro Chá das Dez



Fonte: Aluno do segundo ano (6 anos)

Figura 9: representação de duas personagens sentadas para tomar chá e a representação de flores e árvore.

História 2: Eles que não se amavam

A história foi trabalhada com crianças de 7 e 8 anos. Nesta idade a fase do desenho é mais concreta, a criança já tem conceito definido da figura humana e do meio, dependendo do seu conhecimento prévio e de sua personalidade. A linha de base se faz presente para marcar o terreno e os objetos são desenhados nesta linha. Em relação as cores o afastamento do esquema da cor (mesma cor para o mesmo objeto) começa a aparecer. Assim como na primeira história os desenhos foram divididos em dois grupos. Neste primeiro grupo podemos observar elementos do imaginário das crianças, como flores e raios para destacar a grande diferença de personalidade entre os dois meninos da história e uma representação de um final feliz criado pelas crianças onde os dois se tornaram amigos.

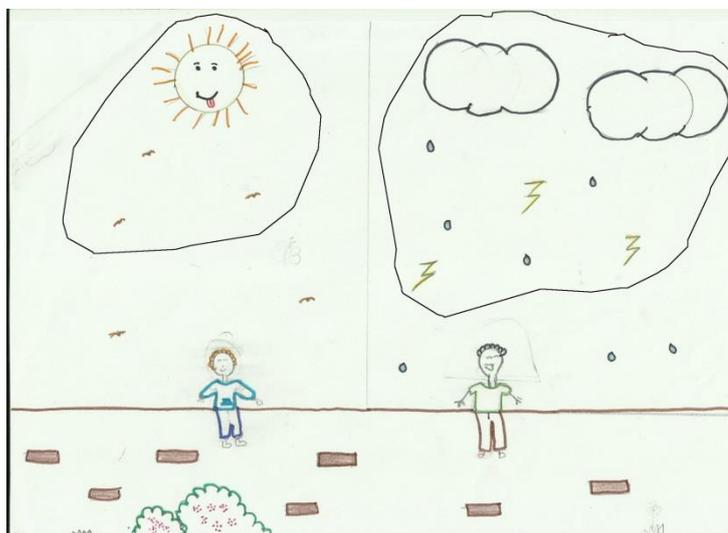
Figura 10 – Desenho livro Eles que não se amavam



Fonte: Aluno do segundo ano (7 anos)

Figura 10: representação de muitos elementos do imaginário da criança: nuvens de chuva e nuvem azul com sol, flores vivas e flores murchas para destacar a diferença de personalidade dos personagens.

Figura 11 – Desenho livro Eles que não se amavam



Fonte: Aluno do segundo ano (7 anos)

Figura 11: representação de dois climas diferentes: um dia de sol e pássaros voando e outro clima de chuva com raio para destacar as diferentes personalidades dos meninos.

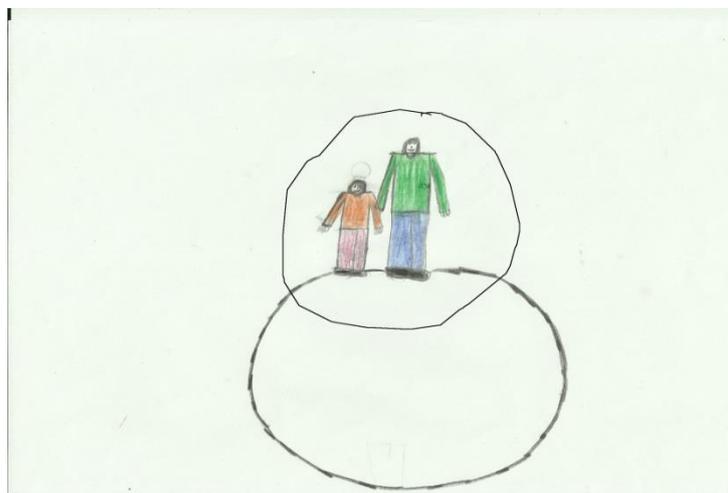
Figura 12 – Desenho livro Eles que não se amavam



Fonte: Aluno do segundo ano (8 anos)

Figura 12: representação de um final para a história, onde os dois personagens voltam a ser crianças e brincam juntos como amigos e o muro já não os divide mais.

Figura 13 – Desenho livro Eles que não se amavam



Fonte: Aluno do segundo ano (7 anos)

Figura 13: os dois personagens juntos, representados por estaturas diferentes para marcar suas diferenças, mas que juntos podem viver em um mesmo mundo.

No segundo grupo de desenho temos uma representação mais fiel a história ouvida. Foram destacados os grupos separados de cada lado dos meninos e suas constantes brigas tanto na rua quando se encontravam, quanto dentro da escola.

Figura 14 – Desenho livro Eles que não se amavam



Fonte: Aluno do segundo ano (8 anos)

Figura 14: representação dos dois grupos rivais separados pelo muro que eles mesmo criaram depois de tantos anos de desavenças.

Figura 15 – Desenho livro Eles que não se amava



Fonte: Aluno do segundo ano (7 anos)

Figura 15: o desenho representa um encontro dentro da escola, que esta representada pelo prédio grande e os armários atrás dos personagens e nos balões de diálogo temos os xingamentos representados pelas expressões negativas dos rostos.

A análise dos dados se dividiram em 2 grupos (quadro 2): o primeiro grupo mostra os desenhos que mais representaram o imaginário das crianças e o segundo grupo mostra os desenhos que representaram fielmente as histórias ouvidas.

Quadro 2: Síntese dos Dados Obtidos

Grupo 1 : Desenhos	Idades	Sínteses das Descobertas
Figura 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12 e 13	6 e 7 anos	Neste grupo de desenhos foi observado a representação do uso da imaginação infantil. Os desenhos mostram muito além dos acontecimentos narrados na história ouvida pelos alunos em áudio.
Grupo 2 : Desenhos	Idades	Síntese das Descoberta
Figuras 7, 8, 9, 14 e 15	6 e 7 anos	Neste grupo de desenhos os alunos representaram apenas o que ouviram na história narradas nos áudios, desenhando fielmente o que ouviram.

Fonte: a autora (2018)

De modo geral as crianças se mostraram participativas, realizando os desenhos com entusiasmo que foram analisados de acordo com os critérios já apontados e divididos em dois grupos, contento desenhos, tanto do primeiro, quanto do segundo ano. O Grupo 1, contendo oito desenhos do primeiro e do segundo ano, destacaram-se mais elementos que não foram narrados nos áudios, que foram criados a partir da imaginação dos alunos. O Grupo 2 com cinco desenhos, do primeiro e segundo ano, foram

representações fiéis das narrações, demonstrando que as crianças apenas reproduziram o que escutaram.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, identifiquei a possibilidade de aprofundar a investigação neste que é um tema que necessita de muitas motivações e inovações, mas que em razão do curto prazo, ficará para estudos futuros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender como o uso do áudio pode contribuir para o estímulo do interesse por ouvir histórias, fortalecendo o imaginário infantil e na formação das crianças como leitoras.

Para tanto foi realizada uma pesquisa qualitativa, onde foi possível perceber que durante o desenvolvimento das atividades propostas, as crianças se mostraram curiosas e interessadas em ouvir as histórias.

O uso das mídias em geral na vida diária se dá de forma cada vez mais frequente e intensa, fazendo com que o professor busque novas práticas pedagógicas para tornar a aula mais atraente e motivadora. Dentro dessa perspectiva, as atividades realizadas durante o estudo trouxeram uma visão de como as histórias em áudio podem ser tão atraentes e motivadoras quanto a contação utilizando livros impressos. .

Durante todas as etapas vividas nesse estudo pude perceber que o uso do áudio é um grande aliado, pois desafia os alunos na criação de uma nova postura diante contação com a ausência do recurso visual, assim como exercita a capacidade de criação na hora da representação através dos desenhos, indo além do que se esperava. Para a produção dos áudios, inicialmente busquei parceria de um grupo de Teatro para que fizessem a gravação das narrativas das histórias, porém as dificuldades que o grupo dispunha em relação ao tempo, não foi possível e assim gravei as narrativas na escola onde a pesquisa aconteceu e com a ajuda de colegas, pois as histórias narradas com as vozes de outras pessoas seria muito mais interessantes para os alunos.

A contação de histórias na escola tem o papel de integrar fantasia e realidade, proporcionando momentos de encantamentos e imaginação para as crianças e uso das histórias em áudio atraíram ainda mais o fascínio e encantamentos das crianças, contribuindo para tornar o momento da contação de histórias mais lúdico e prazeroso.

Nesse sentido, a pesquisa alcançou seus objetivos, favorecendo a concentração, que foi bastante trabalhada, pois as crianças não tiveram o auxílio das imagens do livro impresso e precisaram exercitar bastante a atenção, a ampliação da imaginação, da criatividade, bem como a interação entre as crianças, nos momentos de troca de ideias e discussões que aconteceu após ouvirem os áudios, despertando a criticidade diante das situações narradas nas histórias.

Desse modo as histórias em áudio contribuíram para a percepção dos acontecimentos e atenção das crianças, pelo fato de favorecer a concentração e

imaginação, que as crianças demonstraram através da representação dos seus desenhos, onde percebemos a integração da realidade ouvida nas histórias e a fantasia do imaginário infantil, bem como a troca de ideias entre si e a capacidade de refletir criticamente sobre os valores e vivências apresentadas nas histórias.

Com este trabalho pretendo mostrar para os professores que é possível inovar, integrando os recursos de áudio na contação de histórias, indo além do livro impresso, estimulando a imaginar, criar e expressar os sentimentos, utilizando formas criativas e recursos disponíveis para que a escola cumpra seu papel de proporcionar o desenvolvimento integral das crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **A importância das histórias.** Disponível em: <<http://luzdoconto.blogspot.com.br/2012/01/texto-do-mes-importancia-das-historias.html>>. Acesso em 12/09/2018.

ALMEIDA, M.E. **Informática e Formação de Professores**, Brasília: Ministério da Educação, 2000, p.160.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em< <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>>. Acesso em 12/09/2018.

CEALE, Glossário. **Contaço de histórias**, Universidade Federal de Minas Gerais-UFG- Centro Pedagógico, 2006. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/contacao-de-historias>>. Acesso em: 26/09/2018.

COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade.** Ática, 2002, p.12.

DERDUK, E. **Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do Grafismo Infantil.** São Paulo: Scipione, 1994.

GERHARDT, T. E. & SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa** (ORG) Universidade Aberta do Brasil-UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KRIKA, **Chá das Dez –Estímulos Folclóricos Literários-Tangolomango.** Minas Gerais, 08 nov. 2012. Disponível em: <<https://linguagemeafins.blogspot.com/2012/11/cha-das-dezestimulos-folcloricos.html?m=1>>. Acesso em 08/10/2018.

LOWENFELD, V. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora.** Disponível em: <<http://pt.notices-pdf.com/lowenfeld-v-brittain-v-desenvolvimento-da-capacidade-criadora-pdf.html>>. Acesso em 12/09/2018.

MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e Escrita.** Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7396>>. Acesso em 11/09/2018.

MELLO, Itiane Elena. **O Imaginário no Contexto Escolar.** Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul –Brasil. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Itiane-Elena-de-Mello.pdf>>. Acesso em 12/10/2018.

OLIVEIRA, Emanuelle. **Estudo de Caso.** InfoEscola (2006). Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociedade/estudo-de-caso/>>. Acesso em 25/10/2018.

SISTO, C. **Textos e Pretextos sobre a Arte de Contar Histórias**. Curitiba: Positivo, 2005, p. 144.

_____. **Chá das Dez**. Belo Horizonte: 1º edição, Editora Alegria, 2009.

_____. **Eles que não se amavam**. Santana do Livramento: Edigraf, 2015.

SISTO, C. **Homepage**. Disponível em : <<http://www.celsosisto.com/?pid=84&ct=0>>. Acesso em: 08/10/2018.

TRIUNFO, Escola Municipal de Ensino Fundamental Serafim Ávila: **Plano de Ação Pedagógico**, 2018.

VYGOTSKY, L.S. **Imaginação e Criação na Infância**. São Paulo: Ática, 2009.

ANEXO

ANEXO 1

PÚBLICO ALVO: 1º ANO – 6/7 ANOS

OBRA: CHÁ DAS DEZ

AUTOR: CELSO SISTO

ERAM DEZ AMIGAS VELHINHAS,
TODAS BEM ARRUMADINHAS
PARA O CHÁ NA CASA MOVÉL.
UMA VIAJOU SEM AVISAR
E, ENTÃO, SOBRARAM NOVE.

ERAM NOVE AMIGAS VELHINHAS,
TODAS BEM PENTEADINHAS
PARA O CHÁ COM BISCOITO.
UMA QUEBROU O PÉ
E, ENTÃO, SOBRARAM OITO.

ERAM OITO AMIGAS VELHINHAS,
TODAS BEM PERFUMADINHAS
PARA O CHÁ COM CREPE SUZETE.
UMA FICOU DE CAMA
E, ENTÃO, SOBRARAM SETE.

ERAM SETE AMIGAS VELHINHAS,
TODAS BEM PINTADINHAS
PARA O CHÁ COM BOLO INGLÊS.
UMA CAIU NA RUA
E, ENTÃO, SOBRARAM SEIS.

ERAM SEIS AMIGAS VELHINHAS,
TODAS BEM AGASALHADINHAS
PARA O CHÁ EM XÍCARA DE ZINCO.

UMA CORTOU O DEDO
E, ENTÃO, SOBRARAM CINCO.

ERAM CINCO AMIGAS VELHINAS,
TODAS BEM ENLUVADINHAS
PARA O CHÁ COM QUEIJO PRATO.

UMA FICOU SEM DENTADURA
E, ENTÃO, SOBRARAM QUATRO.

ERAM QUATRO AMIGAS VELHINHAS,
TODAS BEM CALÇADINHAS
PARA O CHÁ COM ROCAMBOLE HOLANDÊS.

UMA NÃO PODIA PEGAR SERENO
E, ENTÃO, SOBRARAM TRÊS.

ERAM TRÊS AMIGAS VELHINHAS,
TODAS BEM ALEGRINHAS
PARA O CHÁ COM PÃEZINHOS MEIAS-LUAS.

UMA FOI DORMIR MAIS CEDO
E, ENTÃO, SOBRARAM DUAS.

ERAM DUAS AMIGAS VELHINHAS,
AMBAS BEM ANIMADINHAS
PARA O CHÁ COM TORTA DE AMEIXA –ESPUMA.

A MAIS VELHA FICOU COM FEBRE
E, ENTÃO, SÓ SOBROU UMA.

ERA UMA SÓ VELHINHA,
TODA, TODA ENFEITADINHA
PARA O CHÁ NA CIDADE DE PIÚMA.
NESTA ATACOU O REUMATISMO
E, ENTÃO, NÃO SOBROU NENHUMA.

ANEXO 2

PÚBLICO ALVO: 2º ANO 8/9 ANOS

OBRA: ELES QUE NÃO SE AMAVAM

AUTOR: SELSO SISTO

ERA UMA VEZ O ALBERTO,

ERA UMA VEZ O BERNARDO,

E ENTRE ELES EXISTIA UM ABISMO.

É QUE NA VERDADE ELES SE ODIAVAM.

O ALBERTO SÓ GOSTAVA DE ÁGUA FRESCA,

DE AMEIXAS E DE ARARAS.

O BERNARDO PREFERIA O BOSQUE SOMBREIRO,

AS BANANAS E OS BOIS.

O ALBERTO ERA PEQUENO,

COMO AS ARANHAS ARMADEIRAS.

O BERNARDO ERA GRANDE,

COMO OS BÚFALOS DE BOTSUANA.

QUANDO ELES SE CRUZAVAM,

ERA O MESMO QUE A PASSAGEM DE UM VENDAVAL.

UM ATIRAVA FARPAS,

O OUTRO CHISPAS DE FOGO.

UM MANDAVA DARDOS.

E O OUTRO DEVOLVIA COBRAS E LAGARTOS.

E CADA VEZ MAIS
O ABISMO ENTRE ELES AUMENTAVA.

ENTÃO, QUEM ERA AMIGO DE UM
NÃO PODIA SER AMIGO DO OUTRO.
QUEM CONVERSAVA COM UM
NÃO PODIA NEM OLHAR PARA O OUTRO.

QUEM GOSTAVA DE UM
TINHA QUE ODIAR O OUTRO.
A MESMA COISA ACONTECIA COM OS PAIS DELES,
PORQUE SÓ PODIAM GOSTAR DE QUEM GOSTAVA DO FILHO DELES.

A MESMA COISA ACONTECIA COM OS TIOS DELES,
PORQUE SÓ PODIAM GOSTAR DE UEM GOSTAVA DO FILHO DOS IRMÃOS
DELES.

A MESMA COISA ACONTECIA COM OS AVÓS DELES,
PORQUE SÓ PODIAM GOSTAR DE QUEM GOSTAVA DO FILHO DOS FILHOS
DELES.

E POR NÃO GOSTAREM DE UM,
APRENDERAM TAMBÉM A NÃO GOSTAR DE MUITOS:
DOS PARENTES, DOS AMIGOS, DOS CONHECIDOS,
DE QUEM ESTAVA PERTO
E DE QUEM ESTAVA LONGE DOS OUTROS,
SEUS INIMIGOS.

E FORAM FICANDO MEIO DUROS,
SEM CAFUNÉ, SEM FRURA NO PÉ,
SEM PICOLÉ DE FRUTA,

SEM VERSO DE PÉ-QUEBRADO,
SEM BEIJO ROUBADO,
SEM CÓCEGAS NA PLANTA DO PÉ,
ESSAS COISINHAS À TOA
QUE DEIXAM A GENTE FELIZ.

E DAÍ PARA NÃO O GOSTAR,
POR NADA E SEM MOTIVOS,
FOI UM PULO.

NÃO GOSTAVAM DE COMO OS OUTROS COMIAM,
E POR ISSO BRIGAVAM.
NÃO GOSTAVEM DO QUE OS OUTROS FAZIAM,
E POR ISSO BRIGAVAM.
NÃO GOSTAVAM DO QUE OUTROS VESTIAM,
E POR ISSO BRIGAVAM.
NÃO GOSTAVAM DE QUEM OS OUTROS ACREDITAVAM,
E POR ISSO BRIGAVAM.
NÃO GOSTAVAM NEM DE COMO OS OUTROS RESPIRAVAM,
E POR ISSO BRIGAVAM.

E CADA VEZ MAIS
O ABISMO ENTRE ELES AUMENTAVA.

DEPOIS O BANDO DE CADA UM CRESCEU
E SE MULTIPLICOU.
E OS LADOS SE ARMARAM,
DOS PÉS À CEBEÇA.
E VIERAM AS BRIGAS FEIAS,

E OS TUFÕES E OS VENDAVAIS,
E OS TERREMOTOS E OS MAREMOTOS,
CADA VEZ QUE UM ATRAVESSAVA
O CAMINHO DO OUTRO.

E O BANDO DO ALBERTO
VIROU EXÉRCITO.

E O BANDO DO BERNARDO
VIROU EXÉRCITO TAMBÉM.
NÃO MAIS PAUS E PEDRAS,
NÃO MAIS UNHAS E DENTES,
MAS ARMAS MORTÍFERAS,
ARMAS LETÍFERAS,
ARMAS INFRUTÍFERAS.

E AS LUTAS ARMADAS DE REPENTE
SE ESPALHARAM,
PARA FERIR MAIS O OUTRO,
PARA MACHUCAR MAIS O OUTRO,
PARA ACABAR DE VEZ COM O OUTRO,
PARA PROVAR QUE UM
ERA MAIS FORTE QUE O OUTRO.

E UM MURO TAMBÉM SE ERGUEU DE REPENTE,
POR CIMA DAQUELE ABISMO
QUE JÁ ERA IMENSO.
CADA BANDO, CADA LEGIÃO, CADA TROPA,
CADA FACÇÃO, CADA QUADRILHA, CADA EXÉRCITO.
CADA UM DO SEU LADO,

ORIENTE E OCIDENTE DIVIDIDOS.

E UM LADO ATACAVA O OUTRO,
QUANDO O OUTRO ESTAVA DISTRAÍDO,
OU QUANDO UM ESTAVA PRONTO
E O OUTRO TAMBÉM ESPERAVA,
OU QUANDO UM NÃO QUERIA
E O OUTRO PROVOCAVA,
OU QUANDO AINDA NÃO ERA HORA
E O OUTRO SE ADIANTAVA.

E A CIDADE FOI SE ACABANDO
E AS CASAS FORAM DESABANDO
E AS ESCOLAS FORAM FECHANDO
E AS PESSOAS FORAM SE INFELICITANDO
E A POEIRA FOI SE ESPALHANDO
E O MUNDO SE ACOSTUMANDO.

E O ALBERTO FOI SE REVOLTANDO
E O BERNARDO FOI SE REBELANDO
COM TANTA DESTRUÇÃO
QUE TINHA COMEÇADO,
LÁ NO PASSADO DOS TEMPOS,
COM UMA SIMPLES INSATISFAÇÃO
QUE NÃO SE SABIA MAIS A RAZÃO.
E UM DIA,
JÁ BEM LONGE DAS CRIANÇAS QUE FORAM
O ALBERTO E O BERNARDO,
CHEFES DOS SEUS IMENSOS GRUPOS,

E AMARGOS COM TANTA VIDA PERDIDA,
SE ENCONTRARAM, NA MADRUGADA,
POR CIMA DO MURO,
PARA FAZER UMA COMBINAÇÃO:
QUEM SABE SE ELES DESCOBRISSEM
UMA MANEIRA DE COMEÇAR A SE GOSTAR,
A SITUAÇÃO PODERIA MUDAR?

CADA UM PRO SEU LADO,
CADA UM PRO MEU BANDO,
LEVOU A PROPOSTA SILENCIOSA E ÚNICA
E UM PEDAÇO DO OUTRO TAMBÉM
NUM PACTO DE PAPEL.

PARA MUDAR O SENTIDO,
PARA VOLTAR A SER GRANDE,
SIMPLES E HUMANO,
PARA COMEÇAR A QUERER BEM
NECESSÁRIO ERA
-MESMO PARA OS QUE TANTO SABEM-
APRENDER A APASCENTAR AS ÂNSIAS,
A ACARICIAR OS VENTOS, AMAR O BISONHO,
A BRINDAR A LUZ, A BEIJAR OS DIAS, A BELISCAR AS TRISTEZAS.

E O ALBERTO E O BERNARDO
JÁ IAM COMEÇAR!
E ISSO JÁ ERA MUITO BOM!

NÃO ERA AGORA,
NÃO ERA LOGO,
NÃO ERA IMEDIATAMENTE,
NÃO ERA NUM ZÁS-TRÁS,
NEM NUM PASSE DE MÁGICA,
NEM MESMO NUM RELÂMPAGO,
QUE TODOS IAM ACEITAR,
E DA BOCA PRA FORA
NÃO IA ADIANTAR.

PAZ, DE VERDADE, ENVERGA O TEMPO
E VEM ASSINADA PELO CORAÇÃO.

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O(A) pesquisador(a) Yane de Souza Prestes, aluno(a) regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação – Pós-Graduação *lato sensu*** promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) Rosângela Silveira Garcia, realizará a investigação: *Contaçon de Histórias Além do Livro*, junto os alunos do 1º ano B e do 2º B no período de 01 à 05 de outubro de 2018. O objetivo desta pesquisa é mostrar que tanto quanto o livro impresso, o uso das histórias narradas em áudio pode oportunizar momentos em que a criança possa ampliar as possibilidade de comunicação, imaginação, estimulando o gosto pela leitura e criando uma postura adequada ao ouvir histórias.

Os (As) participantes desta pesquisa serão convidados(as) a tomar parte da realização das *Contações de Histórias* narradas em áudio, roda de conversa, para expor interpretações e opiniões e a produção de desenhos sobre sua compreensão das obras.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

.....

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, diretora da E.M.E.F Serafim Ávila

 Assinatura da Diretora

 Assinatura do(a) pesquisador(a)

Porto Alegre, 01 de outubro de 2018.